

ALGUNS RISCOS DA INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ANTÓNIO RICARDO MIRA *

VICTOR FRANCO **

Parece-nos, de imediato, ser exigível uma explicação, ainda que curta, sobre as razões que estiveram na génese de um texto encimado pelo presente título e escrito por duas pessoas que, embora agregadas no mesmo departamento de uma universidade, percorreram caminhos diferentes nas suas formações e práticas profissionais.

Com efeito, constatamos que, apesar de ainda assim insuficiente, a quantidade de investigação em Ciências da Educação cresceu bastante nos últimos anos, o que se começou a traduzir no aparecimento de grande quantidade de trabalhos apresentados sob os mais variados suportes de comunicação de que é exemplo esta revista. Por isso, quisemos aproveitar este espaço para reflectir sobre as condições que acompanharam tal mudança quantitativa tentando compreender as suas implicações e efeitos. Socorrendo-nos dum exercício de alguma forma hermenêutico, tentaremos abordar não só as razões da mudança, mas, fundamentalmente, precisar algumas atitudes com ela intimamente ligadas.

A investigação em Ciências da Educação é recente na forma como vem sendo feita. O alargamento da escolaridade e

o maior acesso à escola, tem levado a um aumento do número de estabelecimentos implicados na formação de professores. Consequentemente, o corpo docente destes estabelecimentos, consideravelmente alargado, veio engrossar, muito significativamente, o caudal de pessoas fazendo investigação nesta área.

Este facto que, por si só, é bastante positivo, não deixa de trazer consigo uma questão nova, a dos efeitos da exigência de trabalhos de investigação. Pautar-se-á tal investigação por imperativos profissionais ligados à necessidade de resolver problemas que a própria formação dos alunos, futuros e actuais professores, exige, ou por imperativos, mais de ordem pessoal e administrativa, ligados à progressão na carreira do corpo docente das escolas de formação?

Parece-nos que estes imperativos de investigação para a carreira, consubstanciados na exigência da realização de provas comportando trabalhos de investigação ao nível do Doutoramento, do Mestrado e das Provas de Aptidão Científica e Pedagógica, e tendo em conta as circunstâncias em que tais trabalhos têm sido desenvolvidos, poderão trazer consigo alguns efeitos perniciosos que gostaríamos de

* Docente da Universidade de Évora e Colaborador da ESE de Beja

** Docente da Universidade de Évora

procurar analisar.

Consideremos, em primeiro lugar, a escolha do objecto de investigação. Pode acontecer que o carácter académico que dá corpo à investigação conduza, fatalmente, aquele que investiga a trabalhar sobre um real que não existe. A escolha do tema e, mais particularmente, do assunto, sendo a realidade da investigação e do investigador, pode não corresponder a uma "realidade real" significativa, isto é, esse "corpus" pode não possuir a importância que justifique o seu tratamento da forma pretendida pelo investigador ou pode ser apenas um segmento dessa realidade que corre o risco de perder significado ao desinserir-se dela.

A necessidade de delimitação do campo da investigação levaria, assim, a um distanciamento entre o objecto da investigação e a realidade educativa em que aquela se insere e que pretende conhecer. Realidade talvez mais vasta e que, como tal, deveria ser compreendida e considerada. Teremos então um tema de investigação artificial, fictício e potencialmente inútil.

Em segundo lugar, o que não quer dizer que tenha importância secundária, antes primordial, os imperativos individuais de investigação para a carreira e as condições que para tal são proporcionadas levam a que surja aquilo que não é usual acontecer noutros âmbitos de investigação: um trabalho isolado. Cada investigador é uma ilha sem istmos que o liguem a uma equipa mais vasta, a uma instituição ela própria geradora e dinamizadora da investigação, como seria desejável. Do modo como tem sido feita, a resolução de uma problema em si sempre complexo e polifacetado fica nas mãos de um único indivíduo que não sendo, à partida, polivalente em várias frentes do conhecimento, não só se verá naturalmente limitado em resolvê-lo como pode mesmo não o resolver com competência. Ao solucioná-lo, como se o fosse, corre riscos. O resultado a que chega será indubitavelmente incompleto, senão errado, logo não fiável. A especialização surge assim, inevitavelmente, não como um campo cada vez mais vasto

de conhecimento, mas uma progressiva delimitação da área de saber.

No que se refere às finalidades da investigação, os imperativos da carreira podem interferir, a vários níveis, nomeadamente ao da desejada isenção na formulação dos resultados. A necessidade de produzir conclusões leva a que o trabalho tenha de ser conclusivo em si mesmo e raramente se apresente como subsidiário de uma investigação mais vasta, passada ou futura. A independência das observações e o aproveitamento dos dados podem também ser afectados. Estes aspectos reflectem-se na própria forma de apresentação dos resultados. Estes tendem a tomar a forma de conclusões fechadas onde não é privilegiado o lançamento de "boas ideias", novas perspectivas ou hipóteses de novos trabalhos.

A investigação fundamental fica assim subjugada por uma investigação que não chega a ser aplicada porquanto se restringe, como vimos, a um real específico do próprio processo de investigação. Talvez isto ajude a compreender a sobrevalorização das metodologias de investigação, nomeadamente as metodologias quantitativas, em detrimento de outras formas de produção de saber.

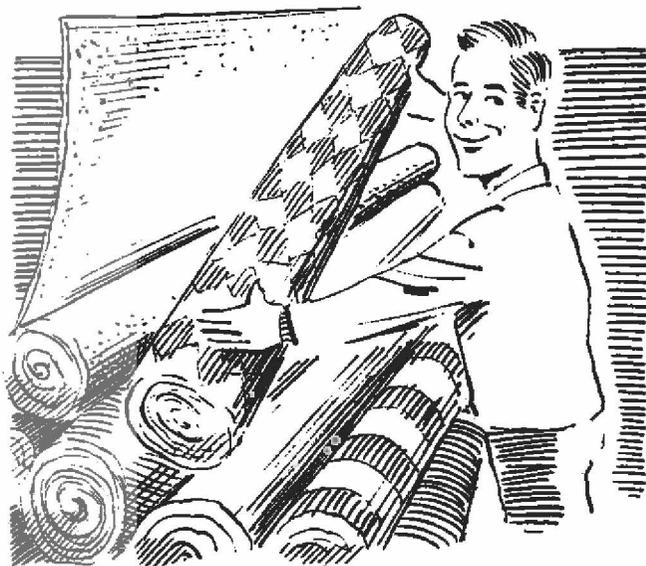
Concluída a investigação, ela não fará sentido se não tiver destinatários. É evidente que o investigador os procura. Não obstante tais esforços, essa publicitação, a maior parte das vezes, não encontra senão os receptores imediatos e, portanto, possíveis: os outros investigadores. Até aqui nada de grave se não fosse a constatação que a esses nem sempre lhes interessa a área estudada e que ficam à margem os que, interessados nela, seriam completadores e continuadores da resolução da problemática em causa. Como se vê, a informação, bem ou mal, está circulando só entre pedagogistas. Interesse discutível. O que nos parece essencial é que tais informações cheguem aos pedagogos. Aliás, a investigação só fará sentido na medida em que possa fazer luz sobre a sua acção prática. Quando tentativas se fazem nesse sentido, verificamos, bastas vezes, que existem ruídos em número tal que impedem que se

leve a bom termo tal comunicação. O principal obstáculo tem a ver com uma linguagem demasiado técnica utilizada por aqueles e, praticamente, indecodificável por estes. Seria então de admitir uma versão dos resultados para a comunidade científica e outra para os "práticos". Se alguém está em condições de o fazer é o próprio sujeito investigador e não uma interposta pessoa. Poderemos afirmar, sem grandes margens para erro, que ou isso não acontece por indisponibilidade do autor ou por impossibilidades logísticas variadas perante as quais é colocado. Restar-lhe-á, finalmente, a esperança de poder ser lido pelos interessados que, num esforço louvável, procuram uma actualização conducente à melhoria da sua prática pedagógica. Talvez demasiada inocência para um investigador; talvez algum atrevimento, desculpável, da parte daquele que procura informação. Não podemos, de facto, iludir a impreparação generalizada de professores e outros agentes educativos - expressa muitas vezes na, ao mesmo tempo, crítica e desesperada interrogação: - Para que é que isto nos serve? - incapacidade a deles, dizíamos, para fazerem auto-formação, ou seja, para fazerem uma leitura pedagógico-didáctica de uma investigação feita em Ciências da Educação e para darem o seu contributo no sentido da aplicabilidade da investigação. E se há casos de sucesso, como admitimos, são frequentemente ensombrados por comentários como este: - A parte especulativa, teórica, é desinteressante e acabei por não ler. A parte prática tem umas coisinhas interessantes, mas...

Admitamos agora que o resultado de uma investigação chega, sem sobressaltos, junto daquele que tem por incumbência e/ou por necessidade a tarefa de pôr em prática os princípios, as leis, as normas a que essa investigação chegou. Uma investigação pressupõe um resultado e esse resultado é uma verdade. De acordo com uma tramitação do tipo daquela que referimos, essa verdade pode ser uma "verdade verdadeira" ou uma "verdade falsa". A menos que ponhamos em segundo plano a investigação em Ciências da Educação, não nos parece menos grave partir, nesta área, para uma praxis baseada em pressupostos teóricos erróneos do que fazê-lo, por exemplo, na esfera das Ciências Biomédicas. Explicitando, tão grave é partir para a prevenção ou tratamento de uma doença aplicando medicações inadequadas, como partir para procedimentos pedagógico-didácticos sustentados por falácias.

Resumindo, a investigação arrisca-se a servir uma carreira, a servir a própria investigação, a não servir para nada, a servir para pouco e a servir para provocar malefícios, maiores ou menores, mas sempre irremediáveis uns e outros. A investigação em Ciências da Educação, que deveria servir de suporte para mudanças e melhorias constantes no domínio educativo, é, por vezes, intensamente desvalorizada nos seus objectivos, processos e utilização. Parece-nos existir, claramente, uma relação entre essa desvalorização, as condições ambientais e institucionais em que a investigação decorre e a ligação desta com os locais de exercício da actividade pedagógico-didáctica.

Galerias Ribeiro



.EQUIPAMENTO DE REFEITÓRIO
.MOBILIÁRIO
.ALCATIFAS
.TAPETES
.TAPEÇARIAS
.CARPETES
.CARPETES DE ARRAIOLOS

APLICAÇÃO ESPECIALIZADA

ORÇAMENTOS GRÁTIS

LARGO DOS CORREIOS ☎ 2 60 56

BEJA